

Saúde como cultura – cultura de saúde¹

Vera Lucia Pereira Alves

Resumo

O presente trabalho visa trazer à discussão, algumas reflexões sobre uma cultura de saúde formada a partir da mídia impressa. Os pontos de discussão são oriundos de pesquisas sobre a divulgação científica da área de saúde, realizadas pela autora. A partir de um estudo sobre livros de autoajuda constatou-se que, grande parte destes exemplares está imerso na temática da saúde. Contudo, os magazines vendidos semanal e mensalmente em bancas de revistas têm tomado também este estilo, sendo ainda de mais fácil acesso devido ao menor preço. Textos de autoajuda são aqueles que versam sobre um tema com o objetivo de ajudar o leitor a melhor entender o assunto em questão, a lidar com o mesmo, além de, por vezes objetivar que ele se autoavaleie frente ao tema. Atentando-se as idéias divulgadas por estas revistas populares foram desenvolvidas duas pesquisas sobre as implicações no imaginário de saúde e suas eventuais repercussões psicológicas. Em decorrência das considerações obtidas, discutidas em diálogo com a antropologia e sociologia, cogitou-se acerca da importância de uma reflexão junto aos psicólogos da saúde sobre muitas das questões decorrentes destes estudos. Para a proposta que aqui se apresenta, destaca-se a importância; repercussões e o significado que a divulgação científica na área de saúde tem tomado no atual momento social e cultural. Os artigos populares referendam uma cultura de saúde em que pressupostos e/ou descobertas científicas são popularizados, por vezes criando-se verdadeiros mitos, como no caso dos neuromitos. O resultado final pode ser entendido como uma cultura de saúde em que a proposta à sociedade vai além da esfera do cuidado, constituindo-se na concepção de estilos de vida saudáveis, e chegando a normatizar condutas para o enfrentamento da morte. Trata-se de condutas midiáticas consideradas moralistas e por vezes tirânicas que, contrariam o próprio objetivo das profissões de saúde.

“Somente o homem pode sofrer e ser doente” (Illich)

A partir da realização de uma pesquisa sobre o produto cultural, literatura de autoajuda (Alves, 2005), pude constatar a grande imersão deste estilo literário na área de saúde. Atenta as idéias divulgadas, principalmente em revistas populares desenvolvi pesquisas sobre o tema² com o objetivo de melhor compreensão sobre o assunto. Com as considerações obtidas nestes trabalhos e, principalmente, com as leituras sobre a temática passei a cogitar se não seria de grande importância para o profissional de psicologia, precisamente da área de saúde, uma discussão sobre muitas das questões

¹ Ensaio apresentado no II Congresso Luso-Brasileiro de Psicologia da Saúde e I Congresso Ibero-Americano de Psicologia da Saúde realizados nos dias 26, 27 e 28 de maio de 2011, na Universidade Metodista de São Paulo (cidade de São Bernardo do Campo, em São Paulo – Brasil).

² Uma pesquisa refere-se a idéia de psicossomática divulgada em revistas populares e a outra refere-se a temática de que casamento faz bem a saúde.

decorrentes destes estudos. São estas reflexões que apresento neste ensaio e que gostaria de debater neste congresso.

Muito provavelmente, grande parte da nossa formação de psicólogos na área de saúde foi e é permeada pelas idéias de Canguilhem³. Entretanto, elas que nos são tão preciosas parecem agora, infelizmente, datadas ou deslocadas. Longe de terem perdido sua verdade encontram-se substituídas por práticas que nos apontam novos tempos, novos rumos. Tempos de imprescindíveis questionamentos.

Canguilhem (2007) dizia ser, na década de 1960, uma “realidade incontestável” que a existência da medicina se deve ao fato de haver homens que se sentem doentes e não por existir médicos a informá-los de sua doença. Hoje em dia, vivemos o oposto. Contudo, mais que a própria medicina, a posição de informante das doenças é ocupada pela mídia (impressa: literatura de autoajuda, revistas populares, jornais; TV, internet etc.).

Vivemos um momento em que a divulgação científica é predominante em nossa sociedade e tem uma função compreendida por Vogt (2003) como a de processos que passam a fazer parte do imaginário social de nossa realidade, como a arte. Contudo, no caso, são a ciência e a tecnologia que adentram nosso dia a dia, construindo nossas simbologias. A divulgação de conceitos, descobertas e novos conhecimentos têm sido efetivados, predominantemente, na área de saúde, seja medicina, nutrição, esportes etc.

Podemos encontrar na mídia impressa, especificamente nos livros de autoajuda e revistas populares, reportagens e matérias com sucintas ou completas descrições de sintomas das mais variadas doenças, além de textos em que se preconiza ou se proíbe a ingestão de diversos alimentos, ou ainda os que preconizam a atividade física ou a atividade social como fontes de saúde. Em muito deste material, os autores se dizem baseados em entrevistas com profissionais da área e/ou em artigos recém-publicados em periódicos científicos, ou ainda referendados em “pesquisas recentes”, porém nem todos citam as referências. Incorrem deste modo em sérios problemas, no mínimo, em simplificações grosseiras, devido, entre outros aspectos, à exigüidade de seus textos. Como exemplo, aponto o caso das novas descobertas da neurociência, estudados por Ortega (2010) que explicita como muito da divulgação popular desta ciência acaba

³ A formação insere vários autores, mas pelo espaço do trabalho enfocarei apenas este autor.

criando “neuromitos”. Segundo ele, construídos quando a referência a um estudo científico extrai significados que o ultrapassam, seja diminuindo ou aumentando as implicações daquilo que se poderia inferir a partir dele.

A função da mídia parece que vem sendo então a de orientar às pessoas o que e como pensar, sentir e agir. Trata-se, como refere Coimbra (2001) de “um equipamento social” para significar e interpretar o mundo, falando pelo e para o indivíduo. A mídia na esfera da saúde, opera, de modo a possibilitar que os indivíduos se pensem doentes, ou identifiquem possíveis doenças a partir da codificação de alguns de seus sintomas na nosologia apresentada nestes artigos ou livros de autoajuda. Fabrica-se assim um indivíduo doente ou na outra face desta produção literária, constroem-se estratégias peculiares para a saúde a fim de se administrar o perigo de não se permanecer saudável (Ortega, 2001).

A prevenção de doenças vem se tornando deste modo, tarefa central em nossa sociedade criando o que Fitzgerald (2004), destaca como estilos de vida, saudáveis. Para o autor, enquanto a vida é algo que acontece, estilos de vida podem ser escolhidos. Preconizar, manter, buscar estilos saudáveis de vida é para Fitzgerald uma prática que pode incorrer em julgamentos sociais e culpabilização. Segundo ele, principalmente nos EUA e creio que no Brasil também, tem-se tomado o conceito de saúde da OMS não como um ideal, como deveria sê-lo uma vez que é impossível se atingir completo bem-estar físico, social e mental, mas como norma. Se a saúde é o normal então doença e acidentes são faltas que têm culpados: governos, ambiente ou a própria pessoa. Deste modo, o ideal se consagra normatizador de estilos de vida. Na esfera do julgamento social, aspectos que antes eram da ordem do individual, do privado, agora se tornam crimes contra a sociedade. Ele aponta, por exemplo, o caso de fumantes, alcoolistas, obesos, com os quais a ideia de doença se torna evidência de mau comportamento e, assim questiona o que então acontece quando saúde envolve não apenas desarranjos físicos, mas também sociais e emocionais: “quando doença e culpabilidade estão tão interligadas, não é surpreendente que genuínos comportamentos antissociais sejam vistos, com frequência, como doença, assim como o contrario. Portanto, não somente a doença cardíaca pode ser vista como o resultado de uma falha de estilo de vida, mas o abuso doméstico pode ser visto como doença. As fronteiras começam a ficar irremediavelmente turvas” (p. 197). Metzi (2011) com a mesma compreensão sobre o

fenômeno da cultura da saúde, pondera que muitos moralismos (como por exemplo, considerar má mãe aquela que alimenta seu bebê com mamadeira) passam a ser considerados apenas uma “defesa da saúde”.

Para além da defesa de saúde ou de estilos de vida saudáveis preconizados na mídia acrescento ainda uma outra faceta. Trata-se da ideia de manutenção da saúde até mesmo na eminência da morte. A maior parte da mídia escrita (e não apenas esta) ressalta as atitudes de políticos ou celebridades midiáticas que enfrentam doenças sérias como o câncer, por vezes incuráveis, com garra e obstinação. A luta pela vida é o que sobressai, principalmente quando com otimismo e esperança. Não há espaço na mídia para apresentar casos em que pacientes desistam da continuidade de um tratamento como o quimioterápico, quando este não mais se mostra efetivo. Estes seriam os casos da perda de esperança, algo que, nesta via de concepção de saúde, parece não mais pertencer à esfera humana. Como bem aponta Dorcy (2010) a esperança tem se tornado uma mercadoria, aquela em que a sociedade espera que o doente invista e que os profissionais de saúde promovam.

Para finalizar este ensaio, retorno à esfera da culpabilização, pois na referência à culpa do próprio paciente me parece pertinente enfatizar nossa atenção de psicólogos da saúde. Trata-se de uma concepção que se faz presente, principalmente, na esfera da psicossomática e frequentemente vista na cultura popular. A pessoa pode resolver seu problema de saúde, controlando suas emoções, pois o descontrole destas é via de regra, a causa sugerida para as doenças psicossomáticas. Não é incomum encontrar na literatura popular expressões como, por exemplo, a de que o câncer segue um luto vivido e não emocionalmente elaborado. Um novo estilo de vida, saudável, seria então o estilo: emoções elaboradas e **controladas**. O que estamos fazendo ou permitindo fazer aos indivíduos a partir desta concepção de saúde/doença?

Creio ser importante que discutamos estes conceitos, porque considero que os discursos sobre saúde, doença, corpo, podem ser por nós considerados, de forma mais ampla, à moda da antropologia cultural; como categorias culturais. Para Sarti (2010, pg. 83): “o objeto da antropologia da saúde, portanto, não se constitui pelo que é o corpo, a saúde e a doença, mas pelo que sujeitos em cultura, pensam e vivem o que é o corpo, a saúde e a doença”. Transpondo-se para a psicologia eu diria que: O objeto da psicologia

da saúde não se constitui pelo que é o corpo, a saúde e a doença, mas pelo que sujeitos em cultura, vivenciam ser seu corpo, sua saúde e sua doença.

REFERÊNCIAS

- ALVES, V. (2005). **Receitas para a conjugalidade: Uma análise da literatura de autoajuda**. Tese (doutorado) – Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas.
- CANGUILHEM, G. (2007). **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro, Forense.
- COIMBRA, C. (2001) A mídia e produção de modos de existência. **Psic: Teor e Pesq.** V.17 n.1 Brasília jan./abr. 2001 Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722001000100002&lng=en&nrm=iso>. access on 04 Mar. 2011. doi: 10.1590/S0102-37722001000100002.
- DORCY, K. Hegemony, Hermeneutics, and the heuristic of Hope. **Advances in Nursing Science**, 33 (1), jan-mar 2010.
- FITZGERALD, F. (2004). The tyranny of health. **The new england journal of medicine**, 331, 196-8.
- ILLICH, I. (1975). **A expropriação da saúde: Nêmesis da Medicina**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- METZI, J. **Against health: How health became the new morality**. New York, University Press
- ORTEGA, F. (2010). **Corpo em evidencia**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira
- SARTI, C. Corpo e doença no transito de saberes. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 75 (4), outubro de 2010.
- VOGT, C. (2003) **A Espiral da cultura científica**. <http://www.comciencia.br/reportagens/framereport.htm>. Acessada em 21/01/2007.